

ALEXANDRE SAMIS

MINHA PÁTRIA É O MUNDO INTEIRO

Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos

Letra Livre



*Bati-me lá na Rotunda,/ Herói eles me chamaram,/ Pouco tempo decorrido/ Nesta
prisão me encerraram. (...) Co'a revolução quem lucrou, /Foram Camachos e
Costas,/ Todos têm postos e postas,/ O povo nada ganhou.*

"Canção dum pé descalço", Poeta libertário anónimo

Hilário Marques, em *A Sementeira*, referia-se ao novo governo e aos anarquistas que nos republicanos depositaram algumas esperanças da seguinte forma: "*livra-nos dos corruptos que nos infectavam o campo e que, regressando ou passando ao seio da burguesia, vão tornar mais rápida a sua decomposição*"¹. Mesmo antes, através de petardos acusatórios, a revista criticava Bartolomeu Constantino e Martins dos Santos por terem estes auxiliado os republicanos por ocasião dos pleitos para o parlamento. *A Sementeira* tinha aparecido em 1908, no mês de Setembro, com o firme propósito de divulgar as ideias anarquistas e contrastar com a linha política de outras publicações como a *Paz e Liberdade* que, embora promovesse uma política de boa vizinhança com *A Sementeira*, era pouco eficiente na propaganda e difusa nos objectivos, assim como *A Acção*, que afirmava "propagar uma nova fase do anarquismo"². Na realidade, os esforços para a edição do primeiro número de *A Sementeira* partiram de um grupo de afinidades editoriais, o *Acção Directa* (1906-1908), no qual Marques havia desempenhado papel de destaque.³ Muito depressa, não apenas em Lisboa, a revista se tornaria uma importante referência nos meios libertários e operários. Aos desmandos da República, ao "decreto burla", ao "fuzilamento de Setúbal" e à farsa da Constituinte de Junho de 1911 a publicação acrata respondia invocando um clássico:

¹ *A Sementeira*, Maio de 1911.

² João Freire. "A *Sementeira*", do arsenalista Hilário Marques. in *Análise Social*. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais da Universidade de Lisboa, Maio de 1981, p. 778.

³ O *Acção Directa* era, ao que tudo indica, um grupo de propaganda que editava brochuras com textos de Malatesta, Kropoktin e outros. Teria surgido, provavelmente, da fusão de outros dois grupos lisboetas, com igual propósito, o "Juventude Consciente" e o "Conquista do Pão". *Ibidem*, p. 802.

Não escapa que, se o que para aí está dominando é um governo republicano, não deixa de ser governo e, como dizia Bakunin, todo o poder político, qualquer que seja a sua denominação e forma exterior, é animado de um ódio natural, instintivo contra a liberdade, é forçosamente conduzido pela prática de cada dia à necessidade de restringir, de diminuir e aniquilar, segundo as circunstâncias, a espontaneidade das massas governadas⁴.

Assim demarcava a revista a linha divisória entre o regime e os "sinceros libertários".

A posição adoptada por Neno Vasco no campo do intervencionismo, ainda por ocasião de sua partida para o Brasil em 1901, apenas podia encontrar-se agora no plano da memória. Não só pela experiência adquirida no outro lado do Atlântico, como também pela simples apreciação dos acontecimentos hodiernos. Para ele, a República era mesmo um fiasco. Autoritária, insensível às questões sociais, violenta com os trabalhadores e demagógica na formulação de leis assistencialistas que em nada contribuam para a emancipação das classes laboriosas. Era, assim, no que de facto tinha se transformado, em menos de um ano, o regime tão sonhado. Nas suas longas conversas com Marques, este também egresso do intervencionismo, Neno discorria sobre as enormes limitações de estarem os libertários envolvidos com partidários de alguma forma de parlamentarismo. Na aconchegante taverna conhecida pelo vulgo de "Feijão Encarnado", no número 88 do Cais do Sodré, propriedade de um compadre de Marques, endereço aliás de correspondência e encontros dos colaboradores de *A Sementeira*⁵, eles separavam parcelas generosas de tempo para afinar concepções e pôr em revista as experiências vividas nos últimos tempos. O "Feijão Encarnado", instalado no entorno do logradouro antes ocupado pela Praça dos Remolares, onde funcionavam as antigas oficinas de carpinteiros de remo⁶, acolhia também outros

⁴ *A Sementeira*, Julho de 1911.

⁵ João Freire. "A Sementeira", do arsenalista Hilário Marques. *op. cit.*, p. 780.

⁶ Raúl Proença. *Guia de Portugal (Lisboa e Arredores)*. *op. cit.*, p. 214.

dois anarquistas, Ismael Pimentel e José Luís que, igualmente, repartiam as mesas do estabelecimento e a redacção da revista de Hilário Marques.

Como já se acertara desde antes de deixar o Brasil, Neno, que às vezes assinava seus artigos como Zeno Vaz, ficaria responsável por traduções, relações com o estrangeiro e textos para a revista⁷. Sem alterar radicalmente o seu carácter doutrinário e ideológico, mantendo a formação em um patamar superior ao da informação e privilegiando o texto em detrimento da imagem⁸, ele associou-se harmoniosamente à linha editorial da publicação, talvez acrescentando a ela, em um primeiro momento, apenas um número mais expressivo de textos traduzidos de Malatesta, autor decerto dos mais presentes nas páginas daquela publicação, principalmente a partir de 1911. A revista não era eclética, entretanto, fora criada para agradar a um largo leque de leitores, não apenas militantes, mas a todo aquele interessado em apreciar um veículo de ideias radicais e claras. Em linhas gerais, e de forma mais acentuada com a chegada de Neno, *A Sementeira* destacava-se pela afirmação de princípios ideológicos e organizativos, dando ênfase às grandes questões internacionais, sem, no entanto, descurar da crítica à política nacional⁹. Para Neno, não era de facto uma primeira experiência nestes termos, a *Aurora*, no Brasil, trilhara a mesma senda. A perspectiva adquirida em São Paulo servia, dessa forma, denexo categórico para ver em *A Sementeira* o caminho mais adequado à divulgação e propaganda do anarquista. Insistindo neste itinerário, o trabalho executado vinha ao encontro de uma obstinada busca empreendida por ele, a partir da qual a propaganda ideológica, associada a uma arguta análise do conjunto das mudanças internacionais, e o estímulo à acção local, unidos todos estes elementos, tornariam possíveis o lançamento das bases para a organização de um movimento anarquista forte e com chances de duradouro protagonismo social.

Em aparente contradição, por outro lado, *A Sementeira*, nos dias imediatamente posteriores ao 5 de Outubro, ou mesmo meses antes, apresentou

⁷ João Freire. "A Sementeira", do arsenalista Hilário Marques. *op. cit.*, p. 773.

⁸ *Ibidem*, p. 769.

⁹ *Ibidem*, p. 769.

aos seus leitores um quadro analítico que bem poderia ser qualificado de intervencionista. À parte de terem feito toda uma crítica severa ao *Germinal* de Bartolomeu Constantino, e mesmo ao seu homónimo de Setúbal, os responsáveis pelo mensário de tendência anarquista comunista viam no republicanismo, ainda assim, uma forma de luta contra o clericalismo e a velha Monarquia. Concordavam, ao menos neste aspecto, com aqueles que percebiam nas mudanças operadas no seio do próprio regime monárquico um sinal da prevalência de mecanismos típicos da ordem republicana. Marques e outros afiliados ao projecto da revista, como foi o caso de Policarpo Luiz Redondo, tombado em meio a uma das refregas¹⁰, lutaram ombro a ombro com os insurrectos da Rotunda, sem no entanto, como o fizeram os intervencionistas acerbos, firmar um compromisso que hipotecasse à prática as premissas ideológicas do anarquismo. Ainda, segundo a revista, estiveram presentes ao evento porque lá estava o povo prestando-lhe o seu "concurso generoso". E como complemento:

Há quanto dizíamos nós ser necessário estar alerta, precaver, organizar, para que a mudanças para o novo regimen, a ser violento, não fosse simples paliativo.

Se as vantagens que esta mudança trouxe, não são de todas nulas, podiam sê-lo.

Dispersos, isolados, cada um pretendendo fazer *obra sua*, pouco ficou vinculado que acentuadamente marcasse a nossa intervenção na luta. E todos nós interviemos, todos trabalhamos. O sangue dos nossos, dos camaradas queridos, lá ficou vinculado, apenas a amontuar a hecatombe enorme dos obscuros que se bateram *A Sementeira* lá deixou um dos seus, outros dos nossos lá ficaram...

E quanto de proveito se poderia ter feito!...¹¹

Lições haviam que ser tiradas do importante acontecimento revolucionário.

¹⁰ *A Sementeira*, Outubro de 1910.

¹¹ *Ibidem*.

Como reforço, e para demarcar sua posição, não apenas aos notórios intervencionistas destinava *A Sementeira* suas críticas. Também aos ex-anarquistas, aqueles que directa ou indirectamente haviam abandonado o campo libertário, afirmando tratar-se de uma decisão de maturidade, como os intelectuais Alfredo Pimenta, João de Meneses, Mayer Garção, José do Vale, Jaime Cortesão e outros¹², a revista libertária reservava os mais severos juízos. Atitude como, no geral, se observava em outras correntes de pensamento, de clara demarcação do campo político de actuação.

¹² João Freire. "*A Sementeira*", do arsenalista Hilário Marques. *op. cit.*, p. 778.